

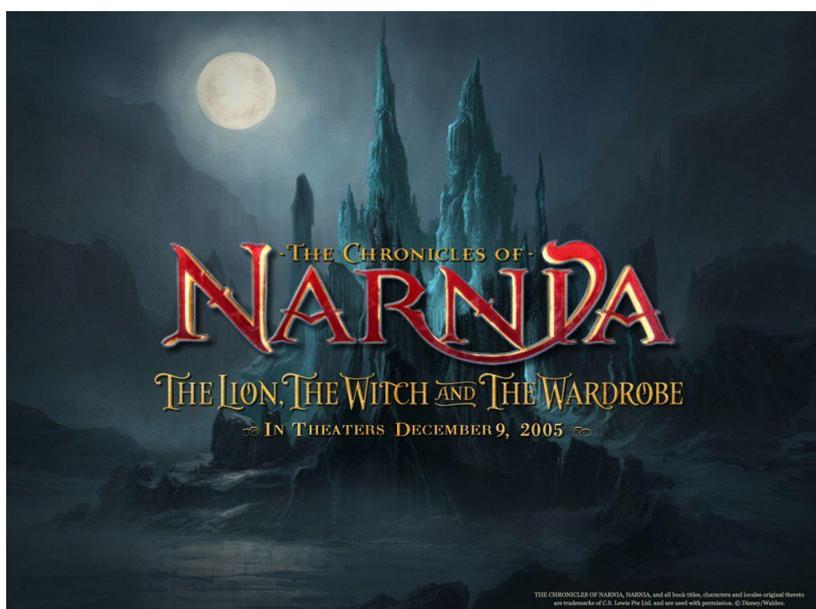
TEOPOÉTICA DE UM GUARDA-ROUPA: O MAL EM C.S. LEWIS

THEOPOETRY OF A WARDROBE: BADNESS IN C. S. LEWIS

Kamila Caetano Almeida

Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Deus é o nosso único alento, mas também o nosso terror supremo; é a coisa de que mais precisamos, mas também da qual mais queremos nos esconder (LEWIS).



RESUMO

Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, foi um autor e escritor irlandês que se destacou pelo trabalho acadêmico acerca da literatura medieval e pela defesa da crença cristã em obras e palestras. É igualmente conhecido por ser o autor da famosa série de livros infantis *As Crônicas de Nárnia*. Este artigo mostra a literatura apologética lewisiana sob perspectivas aparentemente paradoxais no que concerne a não evidência da figura central do cristianismo. No entanto, o sagrado, visto por sua oposição negativa - o mal -, pode revelar uma terceira margem na interpretação do que constitui o cristianismo não institucional.

Palavras-chave: Nárnia. Literatura. Cristianismo.

ABSTRACT

Clive Staples Lewis, known as C. S. Lewis, was a Ireland writer and author pointed out by his academic work around medieval literature and defense of Christian belief, developed throughout his many works and discourse. He is also well known by being the author of the famous children's book called "the chronicles of Narnia". This paper will show the lewisian apologetic literature on paradoxal perspectives, about the no-evidence of christianism's central figure. But, the holy, seen by its negative opposition – the badness – will show a third way to interpretation about the no-institutional christianism.

Key-words: Narnia. Literature. Christianity.

1 COMPOSIÇÃO BÍBLICA E FICCIONAL

Elementos da Bíblia montaram uma estrutura imaginativa, um universo mitológico, dentro do qual a literatura do Ocidente operou até o século XVIII, e dentro do qual grande parte ainda opera (FRYE, 2004).

As obras dos grandes representantes dessa literatura refletem sobre a "problematização da fé e expressam a experiência de fragmentação e insondabilidade da existência piedosa" (KUSCHEL, 1999, p. 14). Essa criptografia teológica, tão presente ainda, nada mais é que um recurso estilístico com a função de representar uma realidade não terrena. Ou até mesmo de exercer o papel de conector entre duas possíveis realidades.

Auerbach (1987) debruça-se sobre a Bíblia e a literatura do Ocidente e concluiu que existe um vigaamento de imagens eloístas reverberadas ao longo dos tempos, a qual chamou de construção "figural". São figuras que se resolvem na transposição, principalmente no tocante à passagem de símbolos do Antigo para o Novo Testamento.

Este trabalho é, em parte, baseado na obra de Propp (2006), que propôs a morfologia do conto maravilhoso, isto é, a descrição desse gênero segundo as partes que o constituem. As analogias e alusões aqui descritas provêm de uma íntima relação entre os textos bíblicos e a obra de Lewis. A perspectiva direcionada para o intento deste estudo se enquadra na seguinte citação de Propp (2006, p. 21): "lembramos que a repetição de funções por personagens diferentes foi observada há bastante tempo pelos historiadores das religiões, nos mitos e nas crenças".

Nas crônicas de C.S. Lewis é quase explícita a narrativa de caráter cristão, que se repete com alterações de cenários e personagens. É importante considerar que mesmo as parábolas dos evangelhos constituem fábulas com características enigmáticas. Essa metaforização do divino é mantida na literatura de Lewis, quiçá com o mesmo intento de abordagem messiânica, ousadamente falando. As narrativas narnianas mantem o caráter figurativo e pré-figurativo do monoteísmo cristão. E mais: ao considerar-se o dito evangélico de que o reino dos céus pertence às crianças, as crônicas tendem a posicionar-se ao lado dos discursos religiosos, visto que, ao que parece, a religião está liquidada para o adulto em virtude da queda humana ao niilismo. Contudo, o papel atribuído à arte literária na obra em questão se parece com o descrito por Kuschel (1999), para quem ela é um meio para atingir um fim que, neste caso, é fornecer alimento para a peregrinação.

São as imagens míticas que expressam a necessidade de transcendência dos contrários, tendo em vista a constante dialética da existência humana. Para essa abolição das características de anfíbios¹ presentes nos humanos é que se utiliza do aparato simbólico. A esse existir dúbio, encaixa-se o primeiro tema de abordagem introdutória: o que é Nárnia? Um mundo fantástico, criado pelo autor C.S. Lewis, repleto de criaturas mitológicas e animais falantes. Um motivo possível e plausível para tal construção seria o espírito saudosista da raça humana, que teria origem paralela a Terra, a mesma idade. Na literatura lewisiana, essa imagem está bem representada por um mundo fantástico que configura um dos vários universos existentes.

Nárnia é habitada pelos animais e criaturas mitológicas criadas por Aslam. Conforme narrado em *O Sobrinho do Mago*, Aslam é o Leão redentor de Nárnia, responsável pela sua criação e por decretar seu fim. Criou Nárnia através do seu canto. É referenciado como *filho do Imperador de além-mar* e aparece quando a nação precisa de ajuda.

2 A ORIGEM DA ESSÊNCIA DE UM FITAFUSO²

Lewis sugere que há um padrão de comportamento intrínseco ao ser humano e coloca as noções de certo e errado como chaves para compreensão do sentido do universo.

Ora, essa lei de regra do certo e do errado era chamada de Lei Natural. [...] A ideia era a seguinte: assim como os corpos são regidos pela lei da gravitação, e os organismos pelas leis da biologia, assim também a criatura chamada 'homem' possui uma lei própria – com a grande diferença de que os corpos não são livres para escolher se vão obedecer à lei da gravitação ou não, ao passo que o homem pode escolher entre obedecer ou desobedecer à Lei da Natureza Humana (LEWIS, 2008, p. 7).

Essa lei era denominada Lei Natural porque as pessoas pensavam que todos a conheciam naturalmente e não precisavam que outrem a ensinassem. Ante qualquer objeção, o autor afirma que a Lei Moral não é simplesmente um instinto gregário e que a melhor maneira de perceber isso é analisando a seguinte situação: ao presenciar o afogamento de alguém é provável que o desejo de ficar salvo seja maior do que o desejo de ajudar aquele que se afoga, no entanto, apesar dos pesares, a Lei Natural manda ajudá-lo.

É evidente, porém, que, no momento em que decidimos tornar mais forte um instinto, nossa ação não é instintiva. Aquilo que lhe diz: ‘Seu instinto está adormecido, desperte-o!’ não pode ser o próprio instinto. O que lhe manda tocar tal nota no piano não pode ser a própria nota (LEWIS, 2008, p. 15).

Indiretamente, portanto, fala-se de livre arbítrio: criaturas que podem fazer tanto o bem quanto o mal, a extrema liberdade. “A felicidade que Deus quis para suas criaturas mais elevadas é a felicidade de estarem, de forma livre e voluntária, unidas a ele e aos demais seres num êxtase de amor e deleite” (LEWIS, 2008, p. 64). Ao que parece, Deus consentiu em correr o risco de que o ser humano opte por ações equivocadas em nome da liberdade que lhe foi concedida. Segundo Wright (1996, p. 43-44),

pelo termo *livre arbítrio* quero dizer a crença de que a vontade humana tem um poder inerente de escolher com igual facilidade entre alternativas. Isso é comumente chamado ‘o poder de escolha contrária’ ou ‘a liberdade de indiferença’. Definitivamente, a vontade fica livre de qualquer causação necessária. Em outras palavras, ela é autônoma de determinação exterior.

De qualquer modo, como bem avalia Nogueira (2000, p. 10), “sem liberdade, dificilmente a história humana terá sentido”. Uma criação dotada de livre arbítrio, portanto, mensura um ideal de liberdade, ainda que a dialética entre a explicação de decisões autônomas se choque com uma eleição apocalíptica pré-destinada. Referindo-se os indivíduos formados numa cultura criacionista, o autor acrescenta:

assistimos à construção de um sistema de conteúdos simbólicos onde se articulam de maneira eficaz a realidade e o imaginado, o mundo dos vivos e o além-tumba, intermediados por um universo invisível de seres sobrenaturais, que de uma maneira ferozmente maniqueísta, empenham-se num combate sem tréguas que só terminará com o *Armagedoon*: a luta datada da própria Criação, entre o Bem e o Mal (NOGUEIRA, 2000, p. 11).

De certa forma, Lewis (2008) se opõe a esse maniqueísmo de forças independentes. Esforça-se para explicar a origem do mal por um viés de subjacência perceptível em suas crônicas. Para o autor, Satanás caiu em erro porque aquele possui um ego tem a possibilidade

de se colocar em primeiro lugar, de querer ser o centro de tudo, ou melhor, de querer ser seu próprio deus. Em outras palavras, a filáucia de criados à ‘imagem e semelhança de Deus’, leva os seres a acreditarem que se bastam como se fossem seus próprios criadores.

O panteísmo diz que Deus está acima do bem e do mal. Trata-se de um ponto de vista oposto ao dualismo, segundo o qual, Deus é definitivamente bom e justo. Esta tese foi habilmente sustentada por Hegel.

Lewis acolhe a argumentação cristã e constrói um universo semelhante a um campo de batalha, uma guerra sem fim que não possui poderes independentes, iguais, um bom e outro mau. Se o embate fosse apenas por preferência de um a outro, haveria a necessidade de desistir dos conceitos das forças opostas. Por conseguinte, um deles está errado. Neste ponto, o autor das Crônicas de Nárnia explora um terceiro fator - distinto dos poderes supracitados - uma regra geral à qual um deles se submete. “Na realidade, quando dizemos que um poder é bom e outro é mau, entendemos que um está em relação harmoniosa com o Deus verdadeiro e supremo, e o outro, não” (LEWIS, 2008, p. 57). A maldade está, por conseguinte, em tentar obter determinadas coisas pelos métodos errados.

Essa suposição lewisiana vai ao encontro do termo “demônico” criado por Tilich³, para quem, o vocábulo indica o sagrado precedido do sinal menos, constitui o sagrado negativo. Da mesma maneira, o autor sugere que o mal não é um poder autônomo. “O Demônio representa a *oposição fundamental*, dialeticamente relacionada com o *ethos* dominante, ao qual se opõe virtualmente, frequentemente como força de rebeldia” (NOGUEIRA, 2000, p. 12).

3 O QUE SE PODE ENCONTRAR NUM GUARDA-ROUPA?

Em termos simples e diretos: um leão, uma feiticeira e todo um universo repleto de figuras mitológicas. Em síntese, é isso (e suas relações com um universo bíblico e apócrifo), que a primeira narrativa transformada em longa-metragem tem a mostrar.

No livro são narradas as aventuras dos quatro irmãos Pevensie: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, que fogem dos bombardeios a Londres, durante a II Guerra Mundial, e vão à casa de um professor que mora no campo. Lá encontram, dentro de um guarda-roupa cuja origem é revelada em *O Sobrinho do Mago*, uma passagem que liga o mundo deles ao mundo de Nárnia, um país castigado pelo rigoroso inverno decretado pela Feiticeira Branca.

Segundo a profecia de em que crêem os narneanos, quando dois filhos de Adão e duas filhas de Eva aparecessem e se tornarem reis de Nárnia, com a ajuda do leão Aslam, o governo da feiticeira terminará. “Mas quem é a Feiticeira Branca? Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno⁴. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só!”. A feiticeira é projetada como uma alegoria do “*Príncipe deste mundo* – assim é referido em múltiplas fontes -, simboliza, na realidade, a opção pelo pecado” (NOGUEIRA, 2000, p. 10).

Foi a religiosidade hebraica que imprimiu nas consciências posteriores o arquétipo do inimigo, construído por uma evolução histórica e definido desta forma apenas no Novo Testamento. No entanto, como se verifica, a figura do mal tem forma feminina na literatura de Lewis. A imagem demoníaca maternal foi construída tardiamente, visto que em Gênesis ela não consta. Trata-se de Lilith, a *bruxa do deserto*, mencionada em Isaías 34:14⁵. O legendário em torno do texto bíblico fixou que Lilith seria a primeira mulher insubmissa de Adão e, posteriormente, o demônio da luxúria.

Mas filha de Eva é que ela não é. Sim, descende, por um lado, da primeira mulher do seu pai Adão (e a este nome, o Sr. Castor fez uma pequena reverência), a que se chamava Lilith, e era da raça dos gênios. Isso, por um lado. Por outro, descende dos gigantes. Não, na feiticeira não há nem uma gota de sangue humano.

Há nesse trecho uma clara alusão ao livro de Enoque. A narrativa apócrifa relata a queda dos anjos que desejaram as filhas dos homens. Estas, por sua vez, engravidaram e deram à luz a gigantes. Essa constatação prova que, embora influenciado por um arcabouço teológico canônico, o autor da crônica não deixa de considerar a literatura secular para a formação de seus retratos literários.

Em Nárnia, o personagem Edmundo cede aos encantos da Feiticeira Branca. Por analogia, conforme compôs Nogueira (2000), sendo o diabo um agente tentador, força o homem a optar, cria condições que o obrigam a decidir, o que, em última instância, tem um sentido potencialmente positivo, visto que ele acaba criando oportunidades de elevação moral. “Não pense que Edmundo era tão ruim a ponto de desejar ver o irmão e as irmãs transformados em estátuas de pedra. O que ele queria simplesmente era comer manjar turco, ser príncipe (e mais tarde rei) e vingar-se de Pedro, que o chamara de ‘cavalo’.” Posteriormente, a atitude de Edmundo suscitou nas outras crianças a possibilidade de uma traição. “Não vale a pena procurá-lo, pois eu sei perfeitamente para onde ele foi! – Todos arregalaram os olhos, espantados. – Não estão entendendo? Foi encontrar-se com ela, a

Feiticeira Branca. Traiu-nos a todos.” A suposta traição de Edmundo, bem como a de um Judas, compõe a exata atitude agradável a um Fitafuso lewisiano. O Diabo de Lewis, ao referir-se à sua natureza demoníaca expõe:

Somos vazios e, por isso, queremos ser preenchidos. Ele está repleto e transborda. Nosso objetivo nessa guerra é um mundo no qual o Nosso Pai nas Profundezas possa absorver todos os outros seres nele mesmo; o Inimigo quer um mundo repleto de seres unidos a Ele e ainda assim distintos (LEWIS, 2005, p. 38).

Na crônica em estudo, conclui-se que a Feiticeira conseguiu, temporariamente, isentar Edmundo dessa união de individualidades. Junção essa que poderia levá-lo a conquistar o que fosse. O escopo fundamental da atuação do inimigo de Aslam tem relação com a não ocupação dos tronos de Cair Paravel, advirta-se. Ademais, a ignorância do personagem traidor da crônica leva a outra passagem explicativa:

O fato de “demônios” serem predominantemente figuras cômicas na imaginação dos homens modernos será de grande ajuda. Se a menor suspeita da sua existência começar a surgir na mente dele, evoque a imagem de um ser trajando roupa colante vermelha, e convença-o de que, já que ele não pode mesmo acreditar numa coisa dessas, ele não pode, portanto, acreditar na *sua* existência (LEWIS, 2005, p. 32).

Edmundo estava eximido de qualquer concepção material do mal, pois fora enganado em sua sensibilidade humana, carnal e falha, diria Lewis.

4 A CONSTITUIÇÃO DA EXISTÊNCIA

De acordo com Soares (2008), há entre Deus e o diabo uma oposição marcada pelo complexo jogo de ser e não ser – um jogo que remete também a questões de presença, privação e atualidade. No entanto, trata-se de uma oposição paradoxal: uma das ‘forças’ existe sem haver e a outra há quando não existe.

Em Êxodos 3:14⁶, a figura de Deus possui uma atualidade e existência irrestritas. Ele é *o que é*. O diabo, por conseguinte, é o que se opõe ao *que é*; ou seja, a figura de oposição é aquilo que *não é*. É neste ponto que se percebe a teoria do sagrado precedida do sinal menos, como já mencionado anteriormente. Essa teoria, talvez da mesma forma que a de Derrida, coloca-se contra a concepção logocêntrica do pensamento metafísico. Para ele, o valor do centro é sempre afirmado pelo não valor de seu oposto: Deus/diabo, homem/mulher etc. O filósofo julga conhecer Deus apenas por se tratar de um construto diferente do diabo. Admita-se, portanto, a ideia do bem: entende-se que decorre de Deus, a origem total daquele *ser*. A

noção de mal vem em segundo lugar (e talvez aqui esteja a não equivalência) e completa, teoricamente, a plenitude do que é o existir de um Deus, no mais amplo aspecto monoteísta. A representação por imagens míticas expressam a necessidade de transcender os contrários, de eliminar a polaridade que permeia não só a constituição da existência das forças que possivelmente dominam o universo, mas também a própria condição humana dialética.

C. S. Lewis explica que o valor do mito - tomado no sentido de construir uma representação mental do inefável - restaura o significado mais profundo do conhecimento que se manteve despercebido por excesso de familiaridade. A criança que reencontra gosto por um frio pedaço de carne, ao lembrar de que se trata de um búfalo morto em uma caçada, mostra-se sábia. O verdadeiro sabor da carne será restituído ao ser inserido em uma história. Assim, o mito revela o não dito pelo dito (FILHO, 2005, p. 17). Para Derrida (1995, p. 231) “a história da metafísica seria a história dessas metáforas e dessas metonímias”.

5 A EVIDÊNCIA DO QUE É SUBJACENTE

Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvado a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra (LEWIS, 2005).

O que a Feiticeira ignorava foi dito por Aslam, após sua ressurreição. Existia uma magia ainda mais profunda, a qual ela desconhecia, magia que ia além da aurora do tempo. Se a Feiticeira tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora, teria aprendido outro sortilégio. Assim ela saberia que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás. Nada que não tiver morrido chegará a ser ressuscitado dos mortos.

Sumariamente, como afirma o próprio Lewis (2005, p. 60), “isto não é apenas uma historieta para crianças. É o reconhecimento real do fato de que o Mal é um parasita, não um ente original. As forças que fazem com que o Mal possa subsistir foram dadas pelo Bem”. No mais, como o autor muito bem aconselhou, há dois erros semelhantes, embora opostos, que os seres humanos podem cometer quanto aos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é acreditar que eles existem e sentir um interesse excessivo e pouco saudável por eles.

NOTAS DE FIM

- ¹ “Os humanos são anfíbios – metade animais, metade espíritos. [...] Isso significa que, enquanto seus espíritos podem ser direcionados para um objeto eterno, seus corpos, suas paixões e sua imaginação estão em constante mudança – pois estar ligado à temporalidade significa passar por mudanças” (LEWIS, 2005, p. 36-37).
- ² Dedicada ao seu amigo J. R. R. Tolkien, a obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* divertiu e instruiu milhões de leitores com seu retrato zombeteiro e irônico da vida humana, feito a partir do ponto de vista do diabo Fitafuso.
- ³ Paul Johannes Oskar Tillich foi um teólogo alemão-estadounidense, um filósofo cristão. Tillich foi contemporâneo de Karl Barth, um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX.
- ⁴ O inverno é mencionado na bíblia como conotação dos tempos maus.
- ⁵ “Os gatos do mato e outros animais selvagens morarão ali; demônios chamarão uns aos outros, e ali a bruxa do deserto encontrará um lugar para descansar”.
- ⁶ “Deus disse: Eu sou quem sou”.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FILHO, Glauco Magalhães. *O imaginário em as crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: M. Fontes: 2005.
- _____. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. São Paulo: M. Fontes, 2005.
- _____. *Cristianismo puro e simples*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2008.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- SOARES, Andrei. *Vendido a um-que-não-existe: privação, presença e confissão no Grande Sertão*. Belém: EDUEP, 2008.
- WRIGHT, R. K. McGregor. *No place for sovereignty: what's wrong with freewill theism; downers grove, Illinois: InterVarsity Press, 1996.*